

Fabricado na China: O Segredo do Sucesso Eleitoral de Mugabe

Kadhija Sheriff, 100Reporters

Em Fevereiro passado, por ocasião do seu aniversário, o presidente do Zimbabué, Robert Mugabe, descreveu a sua liderança como uma “tarefa divina” e a sua provável vitória, nas eleições presidenciais que se aproximavam, como uma escolha de Deus.

A sua profecia seria cumprida no dia 31 de Julho quando Mugabe, de 89 anos, o presidente africano mais idoso, celebrou a sua vitória eleitoral com 61 por cento dos votos, à frente de Morgan Tsvangirai do Movimento para a Mudança Democrática (MDC).

Mas documentos dos serviços secretos do Zimbabué (Organização Central de Informação – CIO) do Zimbabué, obtidos pela 100Reporters, indicam que o sucesso de Mugabe e do seu partido, a ZANU-PF, resultaram da intervenção directa do Partido Comunista Chinês. O apoio da China incluiu fundos no valor de US \$1 bilião, em diamantes, contribuições de três empresas e de dois presidentes africanos, para além de intimidação armada pelas forças de segurança e fraude eleitoral em massa. Parece que Deus, afinal, teve pouco a ver com a vitória eleitoral de Mugabe.

O Contexto

À medida que a eleição presidencial se aproximava, os dois candidatos assinalaram a intenção de acabar com o acordo de partilha de poder dos últimos cinco anos. Embora o próprio MDC não tenha escapado da mancha de corrupção local, Tsvangirai prometeu tornar o sector de diamantes do país transparente e criticou

abertamente o manto de secretismo que envolve os contratos de mineração do Zimbábue com a China e com algumas empresas diamantíferas.

Segundo Tsvangirai, as receitas do comércio de diamantes poderiam proporcionar emprego a 100 mil zimbabueanos, em vez de alimentarem os cofres da elite política e militar e de financiarem aquilo a que a Global Witness chamou “um governo paralelo”.

Algumas projecções indicavam que uma vitória da ZANU-PF exigiria um enorme esforço, uma vez que o partido havia perdido 10 por cento dos seus membros desde 2008. Os votos a favor de Mugabe eram estimados em cerca de 670.000, enquanto os "votos hostis" poderiam chegar a um milhão.

A Estratégia

Para manipular os resultados eleitorais e garantir 50 por cento dos votos, a ZANU-PF contratou a Nikuv International Projects Ltd., uma empresa israelita especializada em grandes projetos de tecnologia e gestão de informação, incluindo passaportes e recenseamentos. De acordo com a documentação obtida pela 100Reporters, a empresa recebeu US \$13 milhões.

A Nikuv opera em países como Angola, Zâmbia, Lesotho e Zimbabué. A empresa foi seleccionada por Daniel Nhepera, director interno do CIO, e dois ex-directores, H. Muchena e S. Nyunango, devido aos “excelentes serviços prestados em 2002”, lê-se num documento. Versões anteriores do site da Nikuv, agora retirados da internet, revelam os anteriores sucessos da empresa no Zimbabué, incluindo o registo da população, eleições, bilhetes de identidade e passaportes.

A estratégia delineada nos documentos secretos dava orientações à Nikuv para “assegurar votos” em estreita colaboração com o temido CIO e jovens armados,

usando a intimidação e transferência forçada de eleitores. A estratégia incluía também o atraso e obstrução do recenseamento eleitoral em áreas susceptíveis de favorecer a oposição.

As etapas específicas deste plano incluíam:

- Registo de menos de dez eleitores reais por dia, sob orientação directa da Nikuv e da ZANU-PF;
- Manipulação dos cadernos eleitorais antes e durante as eleições para contrariar os resultados desfavoráveis;
- Registo paralelo e “manobra estatística, despovoamento e povoamento da população de círculos eleitorais hostis”, em coordenação com os Serviços de Identificação e um funcionário do Partido Comunista Chinês identificado nos documentos como Chung Huwao;
- Obstrução de registo dos eleitores na faixa etária entre 18 e 35 anos e aumento do registo de eleitores na faixa etária dos 35 aos 90 anos;
- Uso de programas de habitação social para “reorientar” o sentido de voto dos beneficiários;
- Posicionamento no registo da Comissão Eleitoral do Zimbabué de “pessoal de confiança para atrasar o processo, como recomendado pela Nikuv”.

O Papel da China

Os chineses planearam uma estratégia em que os direitos de propriedade da terra ficariam dependentes de militância no partido de Mugabe, de acordo com um documento dos serviços secretos. "A neutralização absoluta do inimigo é recomendada quando necessário", indica um dos documentos obtidos. "Votos hostis levarão à perda do direito de propriedade da terra", pode ler-se.

A estratégia também incluía o destacamento de forças de segurança. Além de unidades de reserva do exército, mais de 35.000 jovens foram treinados e destacados para áreas onde se previa uma maioria de votos contra Mugabe.

A China e o Kopelipa no Zimbabué

Os documentos [dos serviços secretos zimbabueanos] revelam que a ZANU-PF destinou cerca de US \$850 milhões, provenientes de receitas de diamantes, para financiar as operações de manipulação dos resultados eleitorais. Os presidentes da República Democrática do Congo e da Guiné Equatorial contribuíram, incluindo outras fontes, cerca de US \$177 milhões adicionais.

Um outro documento indica que três empresas garantiram o encaminhamento de receitas da venda de diamantes para o plano de reeleição de Mugabe.

A primeira dessas empresas é a Anjin, um consórcio entre a chinesa Anhui Foreign Economic Construction Company (AFECC) e Matt Bronze Unip. Ltd., uma empresa de fachada, suposta propriedade da Zimbabué Defense Industries.

Mbada, uma parceria entre a New Reclamation (através da sua empresa-mãe, Grandwell Holdings), e a estatal Minerals Zimbabué Development Corporation (ZMDC), é a segunda empresa. O presidente da Mbada é Robert Mhlanga, antigo vice-marechal na Força Aérea do Zimbabué, que supostamente serviu como piloto de helicóptero pessoal de Mugabe.

Por último, os documentos descrevem também o envolvimento da a China Internacional Fund (CIF), uma empresa baseada em Hong Kong e associada à China-Sonangol, na qual a empresa pública de petróleo de Angola, Sonangol, é accionista.

Os documentos obtidos esclarecem os papéis desempenhados por Sam Pa e Veronica Fung, as figuras centrais da CIF. Segundo os relatórios da inteligência zimbabueana, os dois tiveram a seu cargo a gestão de todo o tipo de ajuda ao plano eleitoral de Mugabe, desde a entrega de camisolas e materiais de campanha, até diamantes e dinheiro.

A representante da CIF no Zimbabué é conhecida como sendo a Sino Zimbabwe Development Pvt. Ltd. Funcionários da empresa haviam descrito a companhia como “dormente”. Numa carta enviada a Global Witness, em 2012, a CIF afirmou que Sam Pa era apenas um consultor da empresa e negou qualquer envolvimento seu no financiamento das actividades do CIO.

Mas os documentos dos serviços secretos notam que Sam Pa é o presidente do Sino-Zimbabwe e revelam um papel mais activo da empresa para manter Mugabe no poder.

A China Sonangol recusou um pedido de entrevista para esta reportagem, dizendo: "Nem nós, nem a nossa empresa (ou grupo) estamos envolvidos nas matérias mencionadas na sua mensagem e, portanto, qualquer entrevista seria totalmente irrelevante".

O Tráfico

Os documentos do CIO fornecem informação detalhada sobre as contribuições das três empresas, que totalizam cerca de US \$1 bilião, através da venda de diamantes.

De acordo com os relatórios secretos, Tshinga Dube, um coronel aposentado do exército e director da Zimbabwean Defense Industries, foi responsável pela captação de recursos da Anjin para "Projetos Especiais" antes das eleições. Em parceria com a Mbada, estes projectos incluíram a distribuição de US \$800 milhões para operações de "mobilização" e “transporte” durante as eleições.

Além disso, o CIO registou nove transacções num mesmo dia, através das quais o governo de Mugaba recebeu US \$58 milhões e cerca de 36.800 quilates em diamantes, o equivalente a US \$2,2 milhões se vendidos a um preço mínimo de US \$60 por quilate.

Outro relatório dos serviços secretos do Zimbabué revela as seguintes operações, ocorridas durante o mês de Maio passado.

A 4 de Maio, a China-Sonangol depositou um cheque, no valor de US \$41 milhões, "com a garantia do Sr. Sam Pa" para os "Projectos de Interesse Especial".

Por sua vez, a 10 de Maio, Veronica Fung e o coronel Muchena entregaram 12.000 quilates de diamantes, no endereço 88 Queensway, a sede da China Internacional Fund, em Hong-Kong.

Entre outros pagamentos, a 16 de Maio, a China-Sonangol e Sam Pa, entregaram 4,000 quilates de diamantes ao general Kopelipa garantidos pela China Sonangol.

O general Kopelipa é um dos dois ministros de Estado em Angola e Chefe da Casa de Segurança do Presidente da República. Kopelipa é a segunda figura mais poderosa em Angola, depois do presidente José Eduardo dos Santos, disse Rafael Marques de Morais, jornalista angolano.

Kopelipa tem sido, supostamente, o responsável pelos acordos multibilionários com a China para a construção de infra-estruturas em Angola. Kopelipa é, por vezes, chamado de "o chefe do boss", de acordo com a *Africa Confidential*, uma publicação de informação empresarial com sede em Londres.

As tentativas de contacto com Kopelipa, indicando os pormenores destas alegações, através dos números de fax da Presidência, não obtiveram qualquer resposta.

Os documentos do CIO sugerem que os representantes da Sino-Zim não foram os únicos indivíduos ou entidades que transferiram os diamantes do Zimbabué para Kopelipa.

Os documentos indicam que a Mbada contribuiu US \$12 milhões para "interesses especiais" no Zimbabué. A mesma empresa enviou, a 11 de Maio, através de dois oficiais do exército chinês, Cheng Qins e Zhang Shibin, 16,000 quilates de diamantes para o general Kopelipa. Os dois oficiais chineses, alegadamente, são os testas-de-ferro da Grandwell Holdings, a empresa parceira da Mbada.

A Mbada também fez chegar 1,000 quilates de diamantes, através de um portador não identificado, a um xeique árabe no Dubai, também não identificado no relatório confidencial.

Os Homens do Presidente

Com o plano em marcha, para uma vitória arrebatadora de Mugabe e do seu partido, os estrategas consideraram a Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) como um órgão decisivo para conferir legitimidade aos resultados.

De acordo com um dos documentos obtidos, a ZANU-PF fez questão de desenvolver relações de amizade com representantes da SADC. Do seu orçamento de US \$3 biliões para as eleições, o partido reservou US \$1 bilião para a SADC, designando este gasto como "diplomacia regional".

Os documentos do CIO não especificam se este financiamento iria directamente para os líderes dos Estados-membros ou para a SADC como organização. De acordo com um dos documentos, esta generosidade foi destinada a assegurar a ascensão do Zimbabué à "liderança da SADC", de modo a reavivar velhos "movimentos de libertação em busca de apoio para a credibilidade das eleições antes, durante e depois do dia de voto".

Poucos dias depois da vitória eleitoral de Mugabe, a SADC abraçou publicamente os resultados, deixando de lado as acusações de manipulação e fraude eleitoral. A Comissão Eleitoral do Zimbabué, por exemplo, havia indicado que mais de 300 mil

eleitores tinham sido recusados junto das mesas de voto e que os militares tinham interferido com o voto de 200,000 cidadãos em áreas rurais. O MDC disse ter identificado 838 mil registos de eleitores com o mesmo nome, morada e data de nascimento, mas com diferentes números de identificação, juntamente com 350 mil eleitores com idade superior a 85 anos e 109 mil com idade superior a 100 anos.

Todavia, a aprovação da SADC não se fez esperar e abriu o caminho para a União Europeia levantar as sanções económicas ao Zimbabué, assim como às empresas que comprem os seus diamantes.

Para além do aval da SADC aos resultados eleitorais, o Zimbabué assumiu a presidência da organização. Um porta-voz da SADC recusou-se a responder a questões sobre a suposta doação da ZANU-PF. "No exercício das nossas funções, não seria profissional envolvermo-nos numa discussão sobre suposições, hipóteses, ou alegações que podem vir a revelar-se serem baseados em rumores, fabricações ou insinuações", disse o porta-voz da SADC Charles Mubita à *100Reporters*.

Jogos e Protagonistas

A 1 de Junho, num debate à porta fechada sobre o Processo de Kimberly, em Joanesburgo, o presidente do Comité Parlamentar de Minas e Energia, Edward Chindori-Chininga, também conhecido como o "denunciante dos diamantes", apresentou uma comunicação sobre o sector diamantífero no Zimbabué.

Mais tarde, Chindori-Chininga, juntamente com o ex-ministro de Minas e um membro da ZANU-PF, dirigiu-se à *100Reporters*. Ele afirmou que as suas investigações sobre as empresas diamantíferas, incluindo as suas convocatórias ao parlamento de empresas que não cooperam, tais como a Mbada, significou o fim da sua carreira na ZANU-PF e, possivelmente, da sua vida.

Pouco mais de duas semanas depois, em meados de Junho, Chindori-Chininga morreu num acidente de viação.

Um documento a que a 100Reporters teve acesso, supostamente produzido pelo CIO em Maio, indica Chindori-Chininga como um dos seis funcionários da ZANU "que devem ser IMPEDIDOS de representar o partido". Na sua despedida, Chindori-Chininga indicou que deveríamos prestar atenção às frestas que se abrem nas paredes do regime. "Elas ficam mais largas conforme os interesses se tornam maiores", ele disse. "Às vezes , elas vão directamente ao coração."

<http://100r.org/2013/10/made-in-china-the-secret-of-mugabes-election-success/>